

Boi Barroso

Folclore Gaúcho

Arr. Gil de Roca Sales

Eu man-dei, man - dei fa - zer um la - ço la - ço Eu man - dei, man-dei fa - zer um

la - ço man-dei fa - zê, man-dei fa - zê, man-dei fa - zê. 1. Eu man-dei fa - zer um
2. Ho - jeé di - a de ro -

la - ço do cou-ro do ja - ca - ré Prá la - çar meu boi bar - ro - so no ca - va - lo pan - ga -
de - io, de chur-ras - coe chi - ma - rão Va - mos ver a ga - u - cha - da re - u - ni - da no gal -

1. Eu man-dei fa - zer um la - ço Prá la - çar no pan - ga -
2. Ho - jeé di - a de ro - de - io De chur-ras - co no gal -

Meu boi bar - ro - so, meu boi pi - tan - ga o teu lu - gar
ré. Meu boi bar - ro - so, bar - ro - so meu boi pi - tan - ga teu lu - gar é lá na can - ga. A - deus pri -
pão

ré pão meu boi pi - tan - ga O teu lu - gar é

queeu vou-meem - bo - ra Não sou da - qui, ai *D.C.*
mi - nha, pri - mi - nha, queeu vou-meem - bo - ra da - qui, ai, sou lá de fo - ra, pri - mi - nha.

Queeu vou-meem bo - ra Não sou da - qui,

Eu man-dei, man - dei fa - zer um la - ço la - ço. Eu man - dei, man-dei fa - zer um

la - ço, man-dei fa - zê, man-dei fa - zê, man-dei fa - zê

Barroso – é a pelagem do vacum semelhante à cor do café com leite. Pangaré – é a pelagem do equino semelhante ao barroso do vacum, predominante nos cavalos crioulos. Ligada à antiga tradição luso-brasileira, esta cantiga foi, durante muitos anos, a mais representativa do cancionário riograndense.